

**“Meu lamento se criou na
escravidão, que forçado, passei.”**



FICHA TÉCNICA:

DURAÇÃO: 70 MIN.

DIREÇÃO E ROTEIRO - MARCIA PARAISO E FRANCISCO COLOMBO

PRODUÇÃO EXECUTIVA - ANTONIO COSTA VALENTE, HELIO LEVCOVITZ E RALF TAMBKE

DIRETOR DE PRODUÇÃO - ANTONIO COSTA VALENTE E MARCIA PARAISO

FOTOGRAFIA - RALF TAMBKE

MONTAGEM - MARCO MIRANDA / GLAUCO BROERING

PRODUTORA - PLURAL FILMES / FILMOGRAFO (PT)

**PALAVRAS CHAVE: RACISMO, HISTÓRIA DO BRASIL,
CULTURA AFRO-BRASILEIRA, ESCRAVIDÃO, LIBERDADE**

SINOPSE:

O APAGAMENTO DO PROTAGONISMO NEGRO FOI UMA CONSTANTE NO PROCESSO QUE CULMINOU COM A CANETADA EM 13 DE MAIO DE 1888, OFICIALMENTE A DATA DE LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVIZADOS NO BRASIL. UM ATO DE SILENCIAMENTO, QUE PÔS FIM AOS PROJETOS DE LIBERDADE DE UMA MAIORIA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA - ACESSO À TERRA, EDUCAÇÃO, TRABALHO, DIREITOS CIVIS. PASSADOS MAIS DE 100 ANOS, A LUTA PELA IGUALDADE E LIBERDADE PERMANECE A MESMA.

Comentários e contexto:

Quando a Lei Áurea foi assinada, abolindo (juridicamente) a escravidão no Brasil, selou a luta dos negros por liberdade e igualdade de direitos. No filme, a historiadora Wlamyra Albuquerque, uma das entrevistadas, afirma que a “canetada” da Princesa “esvaziou o sentido político da escravidão” e criou um novo evento, uma “luta que começa quando chega o primeiro navio negreiro”. Outro historiador entrevistado faz coro com Wlamyra, Walter Fraga complementa que “a abolição foi uma resposta a essa movimentação toda que estava acontecendo nas senzalas. Foi uma maneira de frear um processo que poderia ter consequências imprevisíveis”.

No período Imperial a radicalização crescente do movimento abolicionista, envolvendo ampla e diversificada rede de atores políticos, especialmente nas cidades grandes e médias, bem como a intensificação das fugas coletivas e revoltas escravas acabaram por definir o processo que levaria finalmente à abolição da escravidão.

Desde a década de 1830, somavam-se processos judiciais impetrados por africanos que reivindicavam liberdade, como lembra o historiador Luiz Claudio Dias do Nascimento. Era comum, também, a fuga de trabalhadores negros das senzalas.

Em 1885, ainda se esboçou a derradeira tentativa de conter o processo nos limites fixados em 1871, com garantias de controle sobre o trabalho dos libertos e indenização aos proprietários, o que se deu com a Lei dos sexagenários, prevendo a erradicação da escravidão do país em 13 anos, bem como medidas de repressão às fugas de escravos e aos que os acolhessem. O resultado foi uma radicalização ainda maior das fugas de escravos, do movimento abolicionista, e até mesmo das alforrias coletivas.

Entre os escravos com maiores recursos comunitários, cresceu significativamente a pressão pelo acesso à alforria, num contexto de crescente deslegitimação da escravidão. Disto resultou, entre outros fenômenos, a intensificação e politização de processos jurídicos questionando situações de escravização ilegal ou requerendo o direito de comprar a própria alforria à revelia do senhor. As ações civis de liberdade tornaram-se quase corriqueiras a partir da década de 1860, numa aliança entre advogados antiescravistas e os próprios cativos. Luiz Gama, ele próprio um ex-escravo que se tornara livre alegando estar escravizado ilegalmente, tornar-se-ia amplamente reconhecido por sua atuação ao mesmo tempo jurídica e política a ordem escravocrata.

Os significados dos direitos conquistados com a abolição legal da escravidão não podem ser subestimados, mesmo que limitados. Machado de Assis, sempre arguto, alcançou por meio de uma sutileza, a amplitude dessa transformação: “A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido com outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro no pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folhas-de-flandres... Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas nas portas das lojas”.

Enfim, a figura da Princesa Isabel como a libertadora, a Redentora, esvaziou o sentido político da abolição. E a consequência foi a construção de fronteiras raciais de forma muito hábil e silenciosa. O negro sai da escravidão para uma “sub-cidadania”. Uma ação de silenciamento, que acabou com os projetos de liberdade de uma maioria da população brasileira – direito à terra, educação, trabalho, direitos civis. Passados mais de 130 anos, a batalha pela igualdade e liberdade continua a mesma.

Mesmo assim o Brasil é o único país do mundo onde o colonizador tem mais hábitos do colonizado do que do dominador. A rica cultura africana trazida pelos escravos de seus países de origem, é praticada e lembrada em manifestações culturais de rua que acontecem até hoje pelo Brasil. Fazendo da rua, para o negro, um lugar de memória, de cura e libertação. O filme apresenta algumas delas, como as performances do grupo Nego Fugido, coordenado por Monilson dos Santos, e as rodas de capoeira. Essa última atividade era muito mais do que uma mistura de luta e dança, como ressalta, em seu depoimento, o Mestre Caiçara, lembrando que os antigos mestres de capoeira faziam partos e tinham profundos conhecimentos de ervas medicinais. As comunidades quilombolas fundadas por esses rebeldes são visitadas pelo filme, e também mostram o papel de protagonismo das mulheres nelas. Nos quilombos cerca de 80% dos que sustentam a família são mulheres.

Estas e outras questões perseguem a diretora de cinema Marcia Paraíso, que, ao lado do colega Francisco Colombo, dirigiu o documentário: "Em um país com maioria populacional negra, por que, até hoje, os brancos não se deram conta de que não há como avançarmos, democraticamente, sem o combate sistemático ao racismo?".

Sugestões de questões para o debate:

- O Brasil ainda vive o mito da “Democracia Racial”?
- Como se manifesta o racismo no Brasil?
- Existe relação entre pobreza e racismo?
- Há um grande desconhecimento das lutas de resistência negra na sociedade brasileira?

Material para consulta complementar.

Vídeo: “As estatísticas que revelam a desigualdade racial no Brasil e nos EUA”
<https://www.youtube.com/watch?v=d45Woc456DY>

Revista: RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA CONTEMPORANEIDADE: PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES - Orgs: Kiusam Oliveira; Mariana Fernandes dos Santos; Yuri Miguel Macedo.
<http://costalima.ufrj.br/index.php/REPECULT/issue/view/100>

Artigo: Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil. (MUNANGA, K.)
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/download/8645505/12810>

Entrevista com a Diretora Marcia Paraíso e Francisco Colombo:
https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/07/25/interna_diversao_arte,874977/filme-sobre-moldes-escravocratas-contemporaneos-ocupa-grade-do-canal-c.shtml